

Edson Luiz André de Sousa

(Professor de Pós-Graduação em Psicologia Social e em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)

Citação: Sousa, Edson Luiz André de, "Um Murmúrio na Pequena Babel", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

várias coisas se movem
entre os pequenos sinais
saltados do canto esquerdo
da boca...

Manoel Ricardo de Lima

Subitamente a biblioteca começou a murmurar e nem sempre era possível identificar a origem da voz. Leitura em prece no templo do livro, no tempo de uma promessa. Eram muitos os leitores espalhados nos vários andares da biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. No vão vertical da biblioteca, fragmentos literários escolhidos e compartilhados em um coro inaudível, expostos como cicatrizes do texto. Murmúrio – música – linguagem encontrando-se aleatoriamente e exigindo um esforço de tradução. Uma ou outra palavra saltava da litania literária como um convite à leitura.

No centro da sala, uma mesa de trabalho que dava ao lugar uma atmosfera entre a sala de marcenaria e um galpão de lavoura: madeira, furadeira, parafusos, sementes, terra, regador, adubo. Alquimia literária, invenção artística, buscando sempre o nome que falta. Cada leitor, depois de ler seu texto, arrancava a página lida e a jogava no chão. A literatura como um resto precioso apontando para o que Samuel Beckett instaura como o *Inominável*. A violência da folha rasgada, contudo, não implicava ali em uma destruição da obra, pelo contrário, recuperava na simbologia do gesto a transformação do texto. Como se estivéssemos diante de um teorema que demonstra o poder de navalha da palavra. Toda a criação implica um corte no tecido da vida abrindo novas imagens até então inéditas: utopias?

O jovem grupo de artistas *Projectos Vivos* e o grupo de teatro *Bisturi* reagem assim ao anúncio pessimista de Rilke que abre seu célebre poema de juventude *Notas sobre a melodia das coisas* com o seguinte verso: "Com mil e um sonhos atrás de nós e sem ato" (cf. Rilke 2008). De um dos andares caem retalhos de folhas guilhotinadas geometricamente por uma máquina de corte. Chuva branca de meteoritos literários que se perderam da órbita dos livros para ingressarem na desordem do mundo. Estes fragmentos eram recolhidos em um grande livro de páginas brancas e colados ao acaso, lembrando uma longa série de pinturas suprematistas. Novas composições, novas leituras em uma demonstração precisa do que vem a ser, em última instância, uma leitura.

Os livros, uma vez lidos, eram recolhidos na mesa central. Como uma lição de anatomia, eram cirurgicamente perfurados em suas extremidades e transformados subitamente em pequenos vasos de papel. O livro pele acolhia agora a terra úmida e uma pequena semente cuidadosamente colocada em seu interior. Eram então catalogados e dispostos na prateleira recuperando neste movimento seu estatuto de livro. Contudo, não estava mais ali para ser manuseado mas para nos fazer esperar o tempo da germinação. Que outra plantação pode ser mais contundente do que uma idéia?

Aos poucos, as vozes serenavam e podíamos ver lado a lado os novos livros de Luigi Pirandello, Padre Vieira, Samuel Beckett, Herman Hesse, Sófocles, Vitor Hugo, entre outros. A biblioteca reencontrava seu silêncio, mas o ruído do ato artístico perdura na germinação lenta que se anuncia.

Referências Bibliográficas

Lima, Manoel Ricardo de (2009), *Quando todos os acidentes acontecem*, Rio de Janeiro, 7 Letras.

Rilke, Rainer Maria (2008), *Notes sur la mélodie des choses*, trad. Bernard Pautrat, Paris, Éditions Allia.

Nota

¹ Anotações feitas a partir da *performance* realizada na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dentro das atividades da **I Jornada HumAnStech – Humanidades, Artes, Ciências e Tecnologias: A Visão Utópica do Ser Humano Completo**, em 10 de dezembro de 2009.